

Lazer, só para privilegiados

São poucos os que costumam desfrutar do Lago Paranoá, seja em barco a motor, a vela, em caiaques ou mesmo nas pranchas de windsurf. Segundo cálculos da Capitania dos Portos, o número de embarcações registradas em Brasília é de pouco mais de um mil. Isto para uma população de quase dois milhões de habitantes, só no Plano Piloto.

Um desses privilegiados é o arquiteto Filinto Figueiredo Pacheco, que tem uma forte ligação com o lago desde a adolescência, quando treinava natação para os Jogos Estudantis, nas outstras límpidas águas do Paranoá. É com saudosismo que recorda dessa época. "Quando velejo, sinto uma vontade incrível de cair na água. Mas depois que tive uma alergia me contenho", lamenta.

Mesmo reconhecendo que o lago precisa ser respeitado, outro frequentador assíduo vê com muita desconfiança "a campanha exagerada" sobre a poluição no local. Marcelo Lacerda, funcionário do Tribunal Superior do Trabalho, diz que não mudou seus hábitos. "Continuo nadando e nunca fui acometido de nenhuma doença", afirma.

Também foi a procura de lazer que levou o aviador Cajanga Araújo a adquirir um barco a vela há um ano atrás. Atualmente, sempre que tem uma folga, ela é usufruída no lago.

Sobrevivência

Outro tipo de relação com o lago têm os moradores da Vila Paranoá, que fica exatamente na outra margem, de frente para o Palácio da Alvorada. As águas do lago são tão vitais para a população que a moradora Raimunda Dias chegou a afirmar que só não fica desesperada com sua situação por causa do lago. "É de lá que eu tiro meu sustento, lavando roupa para fora. Dependendo dele para tudo, desde a água para beber", disse. Devido a sua recente "dor nos braços", Raimunda desce os mais de 800 metros de morro apenas uma vez ao dia. "Para subir é pior, porque vou levando a roupa lavada, as vasilhas e um pouco de água para deixar em casa", contou.